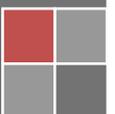


Abril
2018



BOLETIM DE PETRÓLEO



1 - Cenário Econômico

O mês de abril deu continuidade ao cenário de incerteza observado em março. As bolsas mostraram grande volatilidade, refletindo um sentimento de cautela persistente entre os investidores. O setor de tecnologia registrou as maiores variações por conta do escândalo que envolve o Facebook devido ao uso inapropriado dos dados dos usuários. Além disso, os papéis da Amazon também oscilaram por conta das acusações do presidente Donald Trump e da sua tentativa de impor tarifas à empresa de comércio eletrônico.

O outro ponto de instabilidade se encontra na tensão entre a China e os EUA, gerando preocupações no mercado de comércio internacional, após o anúncio do presidente Donald Trump sobre um aumento de tarifas alfandegárias nas exportações chinesas, em especial no mercado de aço e alumínio, e a resposta da potência asiática sobre uma possível retaliação econômica. Contudo, esses países anunciaram que estão dispostos a cooperar e negociar suas relações comerciais. A decisão do presidente chinês, Xi Jinping, pela maior abertura econômica da China e redução de impostos sobre veículos e outros produtos importados agradou investidores e o presidente norte-americano, porém, medidas antidumping anunciadas pela China contra importações de borracha sintética dos EUA, União Europeia e Cingapura podem causar mais tensões no mercado.

De lado às divergências comerciais com os EUA, a economia chinesa continua mostrando um crescimento robusto. Em março, o PMI industrial marcou 51,5 pontos, mostrando crescimento frente ao mês de fevereiro, quando marcou 50,3 pontos. Esse indicador mostra a tendência de crescimento da indústria chinesa, que também pode ser observado no PIB do país, que cresceu 6,8% no primeiro trimestre de 2018 se comparado ao mesmo período em 2017. Já a balança comercial da potência asiática inverteu de direção pela primeira vez em um ano, registrando déficit de 4,98 bilhões de dólares em março frente ao superávit de 33,74 bilhões de dólares em fevereiro. Essa quebra de tendência do superávit foi causada pelo crescimento das importações, refletindo uma maior demanda interna por produtos estrangeiros, o que pode ser um bom indicador para países que mantêm grandes parcerias comerciais com a China.

Nos Estados Unidos, o cenário político interno foi caracterizado pela estabilidade ao longo do mês de abril, o que deixou os investidores mais otimistas. Na esfera econômica, os dados econômicos norte-americanos continuam apresentando uma forte perspectiva de uma economia sustentável. Pelo sexto mês consecutivo, a taxa de desemprego norte-americana foi de 4,1% em março, próximo ao estado de pleno emprego, conforme dados divulgados pelo Departamento de Trabalho dos EUA. No entanto, o aquecimento constante da economia norte-americana e a baixa taxa de desemprego tendem a causar uma pressão inflacionária, o que tem deixado os mercados com uma postura cautelosa. A inflação acelerou em março e atingiu um nível de 2,4% na comparação anual. Com isso, aumentam

as possibilidades do Federal Reserve Bank elevar, de forma mais incisiva, a faixa da taxa de juros que atualmente se encontra no patamar de 1,50% - 1,75%. Essa expectativa de aumento das taxas de juros favorece o fortalecimento da moeda norte-americana ante demais divisas devido à maior rentabilidade dos títulos do Tesouro dos EUA. Já, no que concerne a atividade industrial, o PMI industrial desacelerou de 60,8 pontos em fevereiro para 59,3 pontos em março. Embora a atividade continue robusta, essa queda traduz uma perspectiva de que toda a capacidade instalada já esteja próxima do seu funcionamento pleno.

Com o surgimento de novas tensões internacionais, os desdobramentos da relação entre Coreia do Norte e EUA, ficaram em segundo plano durante a maior parte do mês. Entretanto, o encontro entre os líderes das Coreias do Sul e do Norte durante o Inter-Korean Summit trouxe um forte sentimento de otimismo para investidores internacionais. Na cerimônia histórica, o líder norte-coreano, Kim Jong-un, se comprometeu a colaborar com o presidente sul-coreano, Moon Jae-in, em busca da paz e da desnuclearização na península coreana. Além disso, o governo norte-americano, que já vinha se comunicando com o alto escalão norte-coreano, confirmou que o diretor da CIA, Mike Pompeo, se reuniu com o ditador norte-coreano, para discutir um futuro encontro com o presidente dos EUA, Donald Trump em maio ou junho.

No continente europeu o cenário é de incertezas políticas e discordâncias entre nações, mesmo com avanços nas negociações entre Reino Unido e União Europeia quanto ao Brexit. A França e a Alemanha continuam com dificuldades em negociar políticas para a União Europeia.

No que tange à economia, a União Europeia segue uma tendência de crescimento econômico estável. A taxa de desemprego permanece em 8,5%. A inflação do bloco apesar de baixa, registrou um leve aumento de 0,2% entre fevereiro e março, chegando a 1,3%. Ainda assim, o Banco Central Europeu não fez alterações na sua política monetária e a taxa de juros permanece nulo. O PMI industrial, por sua vez, registrou uma leve desaceleração, de 56,6 para 56,2 pontos entre março e abril. Em fevereiro, a Balança Comercial do bloco também registrou uma leve queda, com um menor superávit de 18,9 bilhões de euros, sendo uma leve redução frente ao mês de janeiro, quando houve superávit de 19,9 bilhões de euros.

Nesse mês, os conflitos no Oriente Médio despertaram a atenção do mundo e causaram impacto nos mercados acionários. O presidente norte-americano, Donald Trump, ordenou um ataque conjunto com França e Reino Unido a alvos estratégicos na Síria, em resposta a um ataque com armas químicas em território sírio. Houve uma grande instabilidade, em função da possibilidade desse ataque desencadear um conflito em larga escala, que provavelmente teria envolvimento da Rússia, aliada do governo do ditador sírio Bashar al-Assad. No entanto, o ataque não tomou maiores proporções e houve uma certa estabilização nas tensões, o que trouxe certo alívio para os investidores.

No mercado internacional de petróleo, há especulação quanto a rumores que indicam que oficiais do governo da Arábia Saudita, maior produtor de petróleo da OPEP, estudam formas de elevar o preço do barril de petróleo para faixa de US\$ 80,00 até US\$ 100,00. Esses rumores reforçam as expectativas de novos cortes na produção de petróleo saudita, seguindo o acordo de redução de oferta firmado recentemente pelos países-membros da OPEP e outros não-membros.

Além dessa, outra conjuntura abala o mercado de petróleo. A Venezuela, que faz parte da OPEP, vem sofrendo uma grave crise econômica e política, com elevadíssimos níveis de inflação e a consequente perda do poder de compra da população. Dado esse contexto, centenas de venezuelanos estão deixando seu país e buscando abrigo em outras nações, tais como o Brasil, a fim de fugir do enfrentamento armado com o governo e da crise político-econômica. Sendo assim, essa terrível situação tem refletido também na produção de petróleo do país. No seu boletim mensal, a *Energy Information Administration* (EIA), que faz parte do Departamento de Energia dos EUA, estimou uma queda da produção venezuelana de petróleo bruto em março de, aproximadamente, 24% na comparação anual, chegando à média de 1,5 MMb/d.

No que diz respeito ao cenário nacional, o mês de abril foi marcado pelas incertezas eleitorais e julgamentos políticos. Com um cenário econômico à espera desses desdobramentos, a Bovespa acompanhou o movimento das bolsas internacionais na maioria das vezes, com leves descolamentos em virtude dos acontecimentos que envolvem as eleições de outubro. Além das expectativas sobre as sentenças políticas, as movimentações ministeriais também aumentaram as especulações sobre os candidatos a presidente 2018.

Por outro lado, a agência de *rating*, Moody's, reafirmou a classificação do Brasil em Ba2 e alterou a perspectiva de negativa para estável. A agência acredita que há um consenso entre os políticos quanto aos custos econômicos e a necessidade de reformas, principalmente, a da Previdência e, portanto, o não cumprimento do teto de gastos pode ser devastador para o desenvolvimento brasileiro, independente do governo eleito nas eleições presidenciais. Além disso, o ambiente de baixa inflação e de corte nos juros favorecem as contas fiscais e a dinâmica da dívida.

A taxa de desemprego, por sua vez, aumentou para 13,1% em abril, frente ao nível de 12,6% no mês anterior. Esse dado indica que a economia brasileira ainda encontra dificuldades para se recuperar, uma vez que a taxa de desemprego tem aumentado consistentemente desde janeiro, quando chegou a 11,8%. Assim, as expectativas de retomada econômica do início do ano estão cada vez mais fracas. Essa alta taxa de desemprego reflete incertezas na esfera política, que têm enfraquecido a confiança dos setores de comércio e indústria e dificultado o processo de retomada da atividade econômica, conforme pesquisas divulgadas pela FGV.

Assim, o cenário econômico permanece favorável para uma política monetária de estímulos ao aquecimento econômico. Para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é esperado que

chegue a 3,49% no ano, segundo o Boletim Focus. Na comparação anual, a inflação de março ficou em 2,68%, abaixo do piso da meta de inflação. No mês de abril, o IPCA-15 apresentou uma aceleração de 0,21% ante 0,10% no mês de março. Ainda, segundo as projeções do Boletim Focus, a taxa Selic se mantém com expectativa de mais uma queda de 0,25 pp, passando de 6,5% para 6,25% a.a. Essa perspectiva sugere que ainda há espaço para o aquecimento econômico.

Ainda nesse mês, o Dólar se fortaleceu ante a moeda brasileira. Em abril, o Real registrou máxima de R\$ 3,50 devido à valorização da moeda norte-americana ante demais divisas nos mercados internacionais. O mercado aguarda pelos próximos movimentos do Banco Central.

No início do ano, o mercado acionário local registrou as maiores altas pelo Ibovespa, chegando a bater acima dos 87 mil pontos. Em abril, a Bovespa desacelerou devido à volatilidade nos mercados internacionais e a incerteza interna política, mas se manteve em um viés de alta, com máxima chegando acima dos 86 mil pontos.

2 - Preços

Em abril, o preço do barril de petróleo sofreu uma forte valorização, chegando a ser cotado a US\$ 75,17 na máxima do mês. A alta do petróleo foi tão forte que, em abril, a cotação mínima de US\$ 67,11 foi maior que a média de março, de US\$ 66,72. A cotação média em abril foi de US\$ 71,76, o que representa um aumento de 7,6% em relação ao mês anterior.

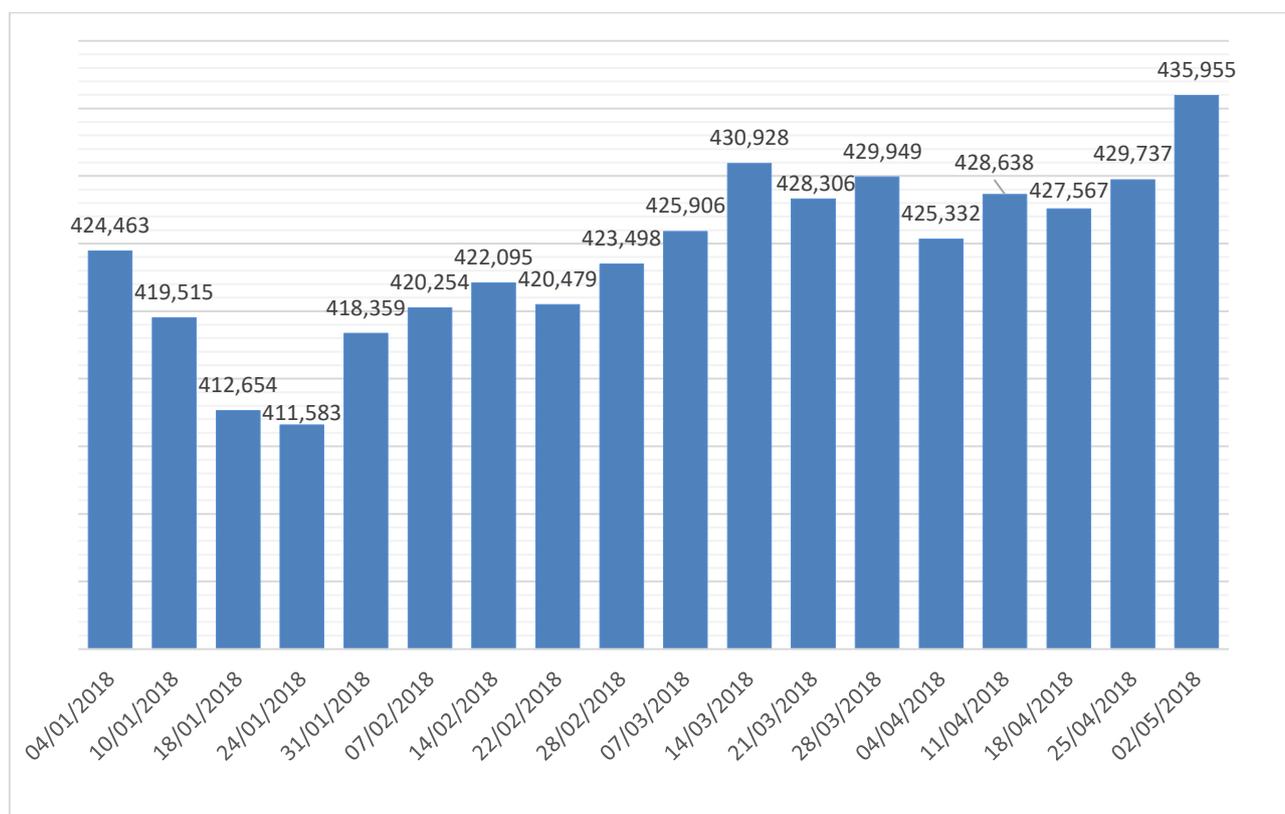
Com essa tendência de alta, a *Energy Information Administration* (EIA) aumentou suas expectativas e espera que o barril de petróleo seja cotado, em média, a US\$ 63,00 em 2018 e em 2019. No mês anterior, as expectativas eram de um preço médio por barril de US\$ 62,00 para os anos de 2018 e 2019. Percebe-se que a *commodity* mostra uma forte valorização em relação ao ano passado, quando sua cotação média foi de US\$ 54,00 de acordo com a agência. A EIA também aponta que a produção norte-americana de petróleo aumentou, em média, 260 mil barris por dia (Mb/d) em março se comparada com a média de fevereiro, chegando a 10,4 milhões de barris por dia (MMb/d). Esse aumento da produção se reflete, também, nas expectativas da EIA para a produção média anual norte-americana, que deve ser de 10,7 MMb/d em 2018, o que representa um aumento de aproximadamente 15% em relação à média do ano anterior, quando foram produzidos 9,3 MMb/d. Desse modo, a produção de 2018 marcará a maior produção média anual dos EUA, superando o recorde anterior de 1970, quando a produção foi de 9,6 MMb/d. A produção deve continuar aumentando e, para 2019, a EIA espera uma produção média de 11,4 MMb/d. Quanto aos estoques de petróleo bruto dos EUA, a EIA divulgou um aumento de 6,2 milhões de barris na semana que terminou no dia 27 de abril em relação à semana anterior, totalizando 436 milhões de barris. Já os estoques dos países membros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostram tendência de queda e,

ao final de março, chegaram a 2,8 bilhões de barris, uma queda de 30 milhões de barris em relação ao mês anterior. A diminuição dos estoques da OCDE desde janeiro de 2017 foi de 267 milhões de barris.

Com os atuais conflitos geopolíticos no Oriente Médio, a crise venezuelana e o acordo de redução da produção dos membros da OPEP, a oferta global de petróleo tende a causar uma pressão de alta no preço da *commodity*, de forma que poderá compensar a produção recorde de xisto norte-americano.

O crescimento dos estoques norte-americanos de petróleo está ilustrado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Estoques do Petróleo em MMb*



Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do Broadcast em MMb* por semana (milhões de barris)

No gráfico 2, podemos auferir que o movimento de forte valorização do Dólar no cenário internacional causou uma leve alteração no sentido da curva nos últimos meses, embora a correlação seja comumente negativa.

Seguindo a recente valorização do Dólar, o Banco Central do Brasil aumentou sua expectativa para a cotação da moeda norte-americana para o encerramento de 2018, passando de R\$ 3,30 para R\$ 3,35, de acordo com o Boletim Focus divulgado no dia 27 de abril de 2018. Esse ajuste, que prevê desvalorização do Real frente ao Dólar, reflete a forte alta que a moeda norte-americana sofreu ao longo do mês de abril. A média do câmbio passou de R\$ 3,28 para R\$ 3,40 entre março e abril e mantém uma forte tendência de alta.

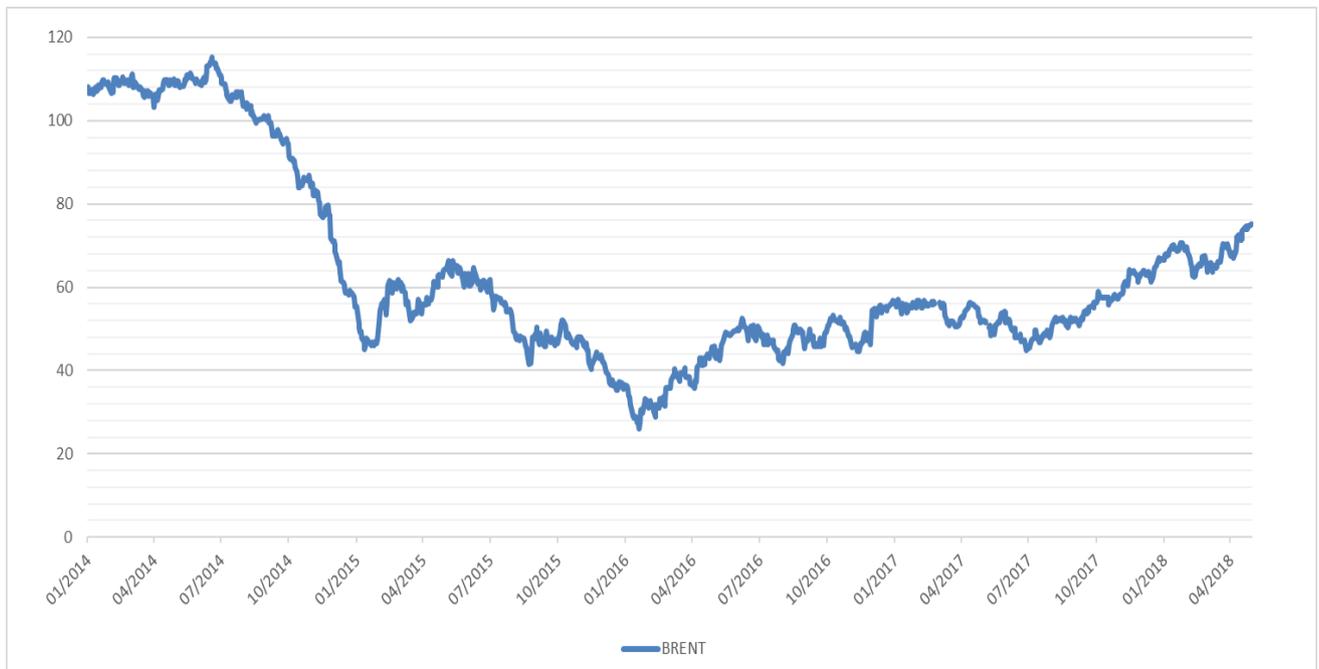
Gráfico 2 – Brent x Dólar



Fonte: Elaboração GOP com base nos dados do The Ice e do Banco Central

A série histórica ilustrada no gráfico 3 ilustra a evolução do preço da *commodity* desde 2014. Observa-se que, desde o 4º trimestre do ano passado, o preço do barril oscilou em torno de US\$60,00 e US\$70,00. Entretanto, a recente alta do petróleo nos mercados internacionais impulsionou o preço da *commodity* acima desse nível.

Gráfico 3 – Preço do Brent



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

3 - Demanda

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) revisou sua estimativa de aumento da demanda global por petróleo em 30 mil barris por dia (Mb/d) em relação ao relatório do mês passado, apresentando agora uma expansão no consumo em 1,63 milhões de barris por dia (MMb/d) para 2018. A estimativa é de uma demanda total global de, em média, 98,70 MMb/d. Foi feita também uma revisão para a demanda de 2017, que também aumentou em 30 Mb/d, o que representa um aumento de 1,62 MMb/d para 1,65 MMb/d. Essa revisão reflete o momento positivo nos países membros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no primeiro quadrimestre de 2018, com resultados melhores do que o esperado apoiados pelo desenvolvimento nas atividades industriais, o clima mais frio do que o previsto e a forte atividade de mineração nos países da América e da Ásia Ocidental. Segundo a OPEP, nos Estados Unidos há uma previsão de aumento da demanda de 20,23 MMb/d de 2017 para 20,46 MMb/d em 2018, uma variação de 1,16%.

De acordo com dados da OPEP, um dos maiores responsáveis pelo aumento da demanda mundial por petróleo, além dos EUA, é a Índia. A organização estima um crescimento da demanda indiana em 200 Mb/d frente ao ano anterior, o que representa uma variação de 4,39%, seguindo as expectativas de crescimento econômico do país. De acordo com a OPEP, parte da expansão do consumo indiano e de outros países em desenvolvimento é explicada pelo desenvolvimento da indústria e do setor de transporte nessas regiões. A expansão da demanda indiana se apoia também em gastos governamentais com infraestrutura e no aumento do consumo de combustíveis, que reflete o aumento da venda de automóveis no país. Ainda de acordo com a OPEP, os países em desenvolvimento, incluindo a Índia, serão responsáveis por um aumento da demanda mundial de 2018 em 710 Mb/d, uma variação de 2,23%. Assim, esse bloco será o maior responsável pelo aumento global da demanda por petróleo, tendo participação de 43% nessa expansão. Ainda entre os países em desenvolvimento, apenas a região do Oriente Médio apresenta uma leve desaceleração da expansão da demanda, de 10 Mb/d. Assim, a expectativa é de um aumento da demanda em 90 Mb/d no ano, chegando à média de 8,14 MMb/d. A África também mostra um bom desempenho. Espera-se um aumento do consumo em 140 Mb/d no continente, o que representa uma alta de 3,28%, chegando à média de 4,34 MMb/d.

A projeção para demanda mundial de petróleo é de 98,70 MMb/d para o ano de 2018. Entre os principais consumidores estão a Índia, com um avanço em relação ao ano passado de 4,39%, ou de 200 Mb/d, encerrando em 4,66 MMb/d o ano de 2018 e a China com um aumento na demanda de 420 Mb/d, passando de 12,32 MMb/d para 12,73 MMb/d no ano.

Entre os membros da OPEP, em 2017 a demanda por petróleo bruto foi estimada em 32,9 MMb/d, aumentando em 600 Mb/d frente a 2016. Para 2018, é esperada uma demanda em torno de 32,6 MMb/d, o que representa uma diminuição de 30 Mb/d em relação ao nível de 2017.

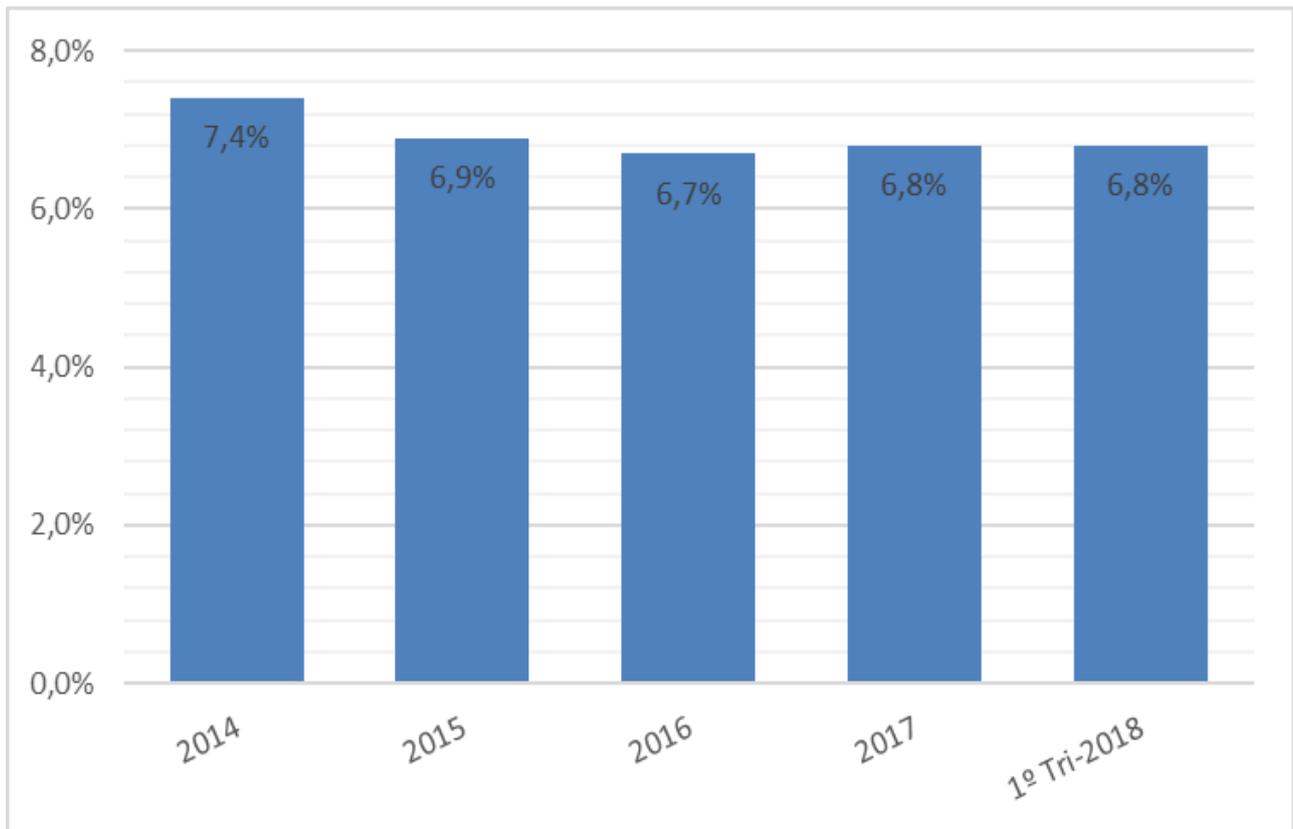
A Energy Information Administration (EIA), também revisou para cima as estimativas na demanda global total do petróleo. Para 2018, o reajuste prevê um aumento de 100,2 MMb/d para 100,31 MMb/d. A agência indica que o consumo global do petróleo crescerá cerca de 1,8 MMb/d em 2018 e 2019. No entanto, pondera diante de uma possível desaceleração no comércio global que pode afetar a demanda no petróleo, como ocorrido em março em virtude das imposições tarifárias sobre produtos entre os EUA e a China. Essa desarticulação do comércio internacional pode representar um risco de queda à previsão do consumo global do petróleo.

Segundo a EIA, as estimativas para 2018 tiveram um aumento em relação ao ano passado nos países membros e não membros da OCDE. Os Estados Unidos se mantêm como o principal consumidor de petróleo, tendo ocorrido uma revisão de alta de 30 Mb/d ante o relatório do mês de março. Com isso, é esperado um aumento anual do consumo norte-americano de 500 Mb/d, chegando à média de 20,38 MMb/ em 2018.

Já entre os países que não fazem parte da OCDE, a China se destaca com uma expectativa de consumo de 13,69 MMb/d em 2018 e 14,10 MMb/d em 2019 ante a estimativa de 2017 de 13,26 MMb/d. A Índia também ganha destaque com a estimativa de 4,82 MMb/d para 2018 e 5,14 MMb/d para 2019. Nessa perspectiva, o relatório da EIA reflete o aumento do consumo de petróleo e derivados em virtude do desenvolvimento econômico mundial. Estima-se uma expansão da demanda média anual de países não membros da OCDE para 52,59 MMb/d no ano corrente e 53,98 MMb/d para o próximo ano, segundo a agência.

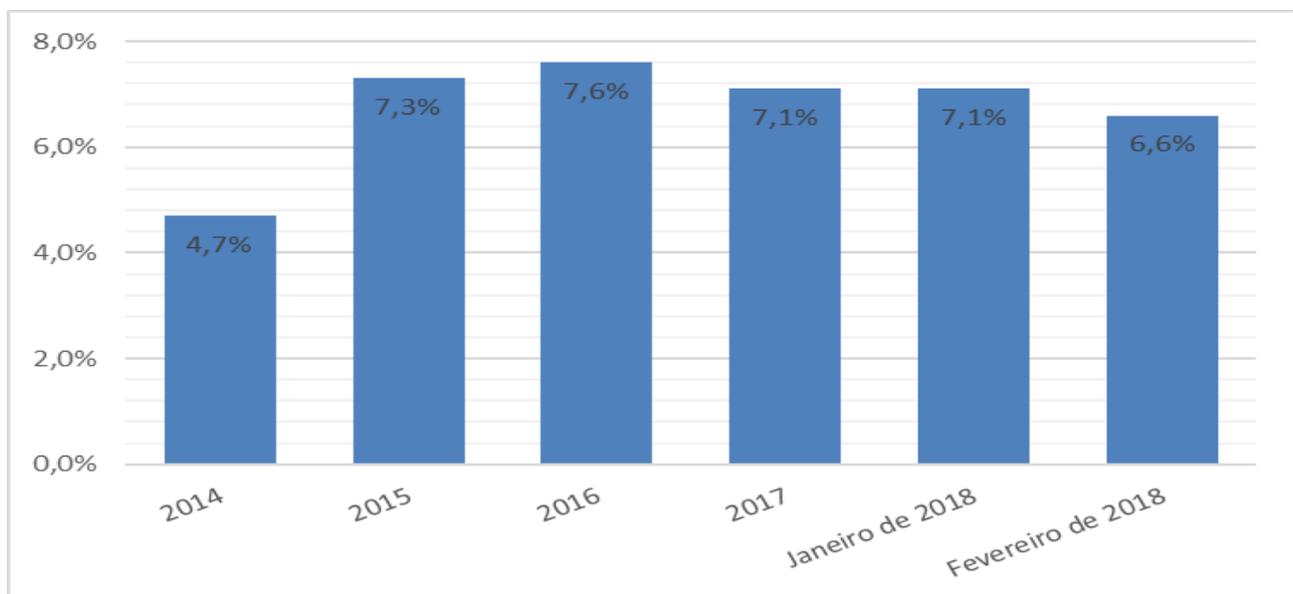
Vale ressaltar, que as estimativas entre a OPEP e a EIA se diferem quanto aos seus parâmetros. Enquanto a OPEP indica apenas o consumo do petróleo, a EIA leva em consideração o consumo de todos os combustíveis líquidos. A despeito disso, a partir de seus relatórios fica evidente o aumento do consumo da *commodity*, principalmente, em virtude do aquecimento das economias norte-americana, chinesa e indiana. Nos gráficos abaixo, são apresentadas as atividades domésticas da China e da Índia em conformidade com a expansão econômica mencionada desses países e, portanto, da necessidade de consumo da matéria-prima por setores de base.

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto (PIB) – China



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

Gráfico 5 – Produto Interno Bruto (PIB) – Índia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

4 – Oferta

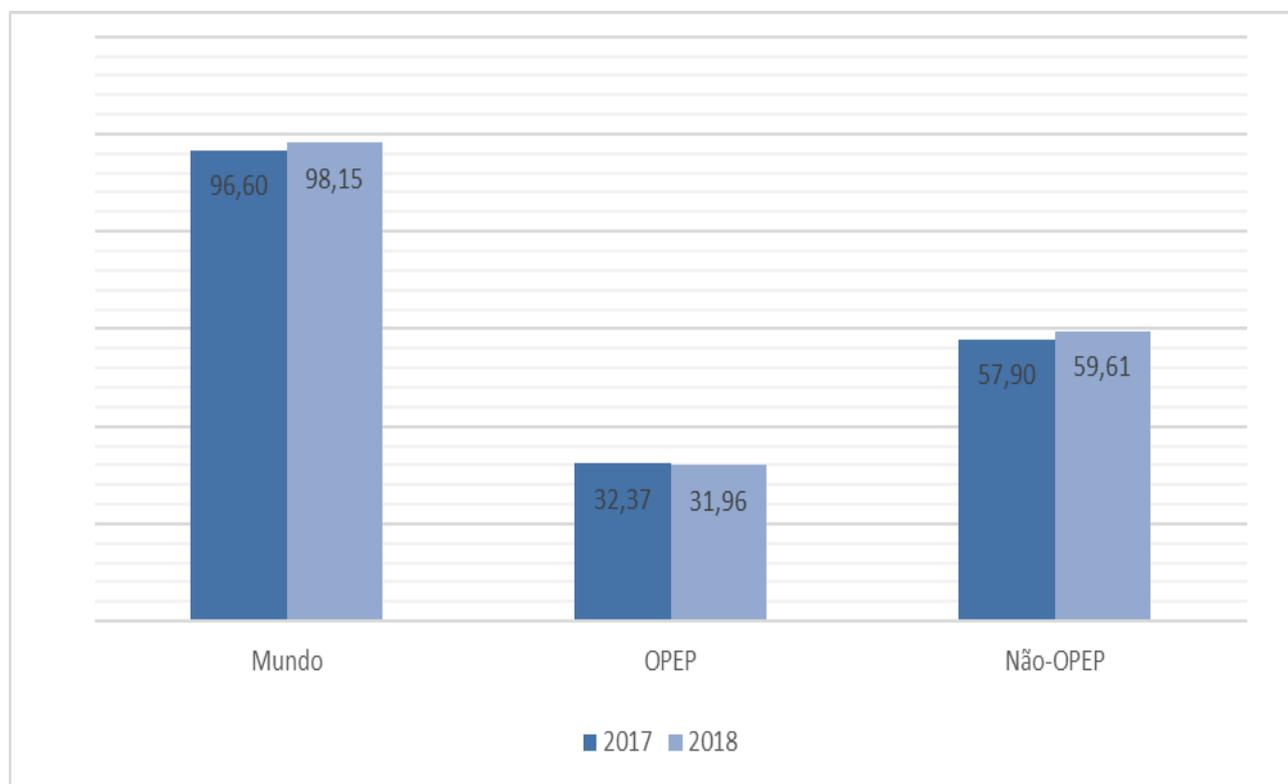
4.1 - Estimativa Relatório OPEP

Segundo o relatório da OPEP, a oferta de países não-membros da organização de 2017 foi revisada para cima em 30 Mb/d, por conta da atualização dos dados da produção canadense, que cresceu 900 Mb/d no ano. Para 2018, as estimativas para esses países também foram revisadas, aumentando em torno de 80 Mb/d, apresentando agora um crescimento anual em torno de 1,71 MMb/d, para uma média de 59,61 MMb/d, após uma produção acima do esperado no primeiro trimestre de 2018, principalmente na Rússia e nos EUA, além de levar em conta ajustes para outros trimestres. Esse aumento representa uma variação de 3% e é quase todo sustentado pelo aumento da produção norte-americana. O cartel estima que os EUA terão um aumento anual de 10,5% em sua produção, o que equivale a 1,5 MMb/d, totalizando uma produção média diária de 15,83 MMb/d.

Já para os membros da OPEP, em março, a produção de petróleo bruto decresceu em cerca de 201 Mb/d, para a média de 31,96 MMb/d ante o mês de fevereiro que foi de, aproximadamente, 32,15 MMb/d, segundo pesquisas secundárias.

Dados preliminares indicam que oferta global de petróleo aumentou em 180 Mb/d, para média de 98,15 MMb/d em março, o que representa um aumento de 2,15 MMb/d na comparação anual.

Gráfico 6 – Estimativa de produção anual (OPEP)



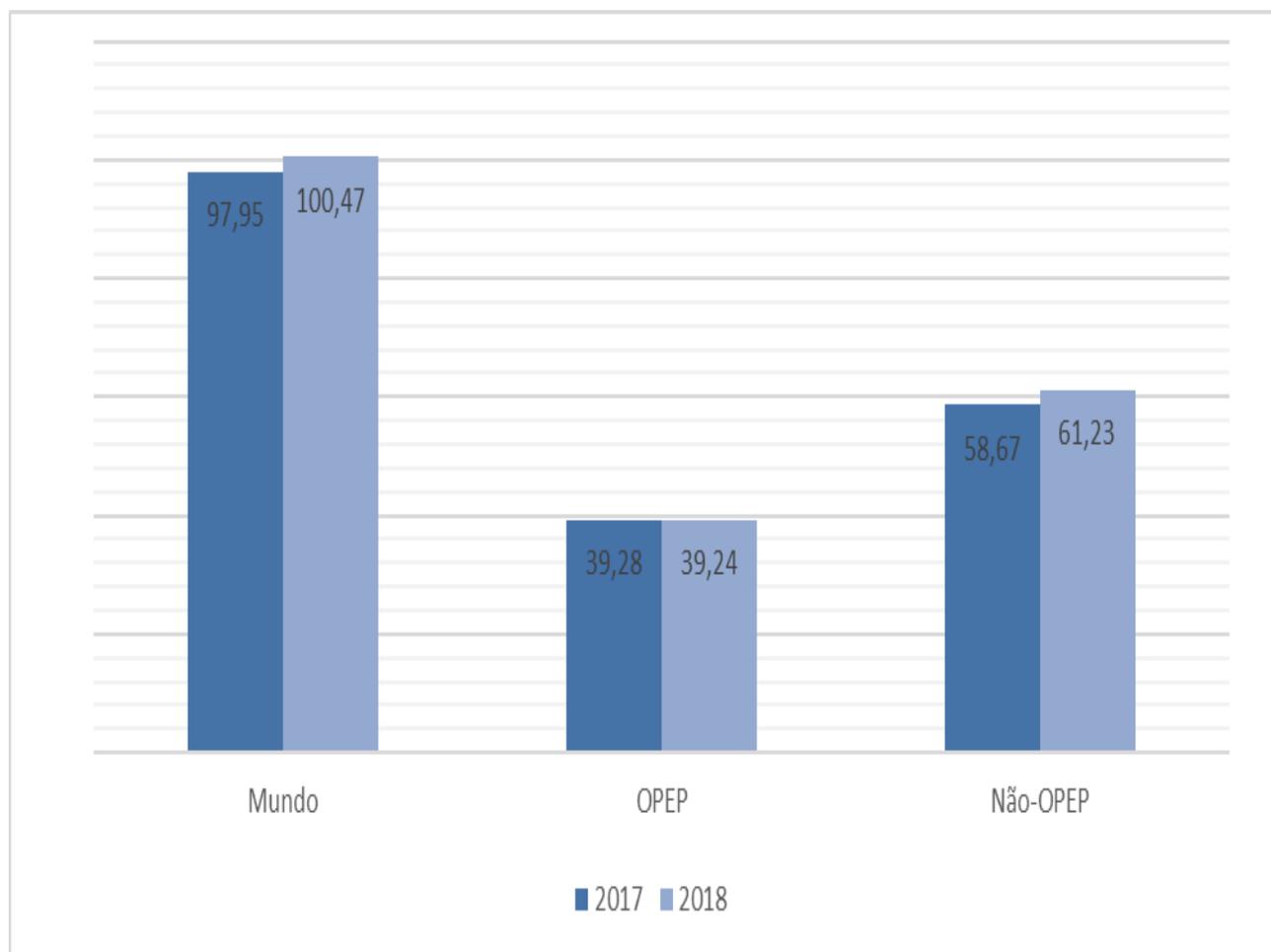
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.2 - Estimativa Relatório EIA

A EIA reajustou sua expectativa quanto à oferta média global de 2018, que passou de 100,62 MMb/d para 100,47 MMb/d em seu último relatório. Essa produção representaria um aumento de 2,52 MMb/d em relação ao ano anterior. A agência estima uma leve redução da produção de países membros da OPEP em relação a 2017, passando de 39,28 MMb/d para 39,24 MMb/d. Essa redução reflete o acordo firmado entre a OPEP e outros países parceiros da organização, que visa a diminuição da produção de petróleo com objetivo de aumentar o preço da *commodity* nos mercados internacionais. Ainda assim, a produção da OPEP deve voltar a crescer em 2019, chegando à média de 39,52 MMb/d.

Para não-membros da OPEP, as expectativas são de aumento de 2,56 MMb/d em 2018 frente à média de 2017, de 58,67 MMb/d. Assim, esses países deverão ser responsáveis por uma produção média de 61,23 MMb/d em 2018. A produção norte-americana se destaca nas projeções da EIA e é esperado um aumento em relação ao ano anterior de 1,99 MMb/d, alcançando a média de 17,56 MMb/d em 2018.

Gráfico 7 – Estimativa de produção anual (EIA)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.3 - OPEP x EIA

Dados os relatórios mensais divulgados pela OPEP e pela EIA é possível afirmar em relação a oferta do petróleo, que:

1. Os dados das agências compartilham a visão de queda da produção da *commodity* entre os membros da OPEP.
2. Tanto a OPEP quanto a EIA, possuem expectativa de avanço na oferta nos países não membros da OPEP;
3. Ambas as organizações destacam a produção nos Estados Unidos, uma vez que esta vem mostrando forte crescimento;
4. A queda da produção dos países membros da OPEP tem influenciado o preço dos contratos futuros do petróleo nos mercados internacionais. Assim, é esperado que a expansão da produção norte-americana seja compensada por esse movimento da OPEP.

Percebe-se que a OPEP e a EIA esperam um aumento significativo da oferta norte-americana de petróleo, o que pode frustrar os esforços da OPEP de redução da oferta mundial da *commodity*. Assim, existe a possibilidade da OPEP não conseguir manter a *commodity* valorizada por muito mais tempo, mesmo com a recente alta, que é causada por tensões geopolíticas.

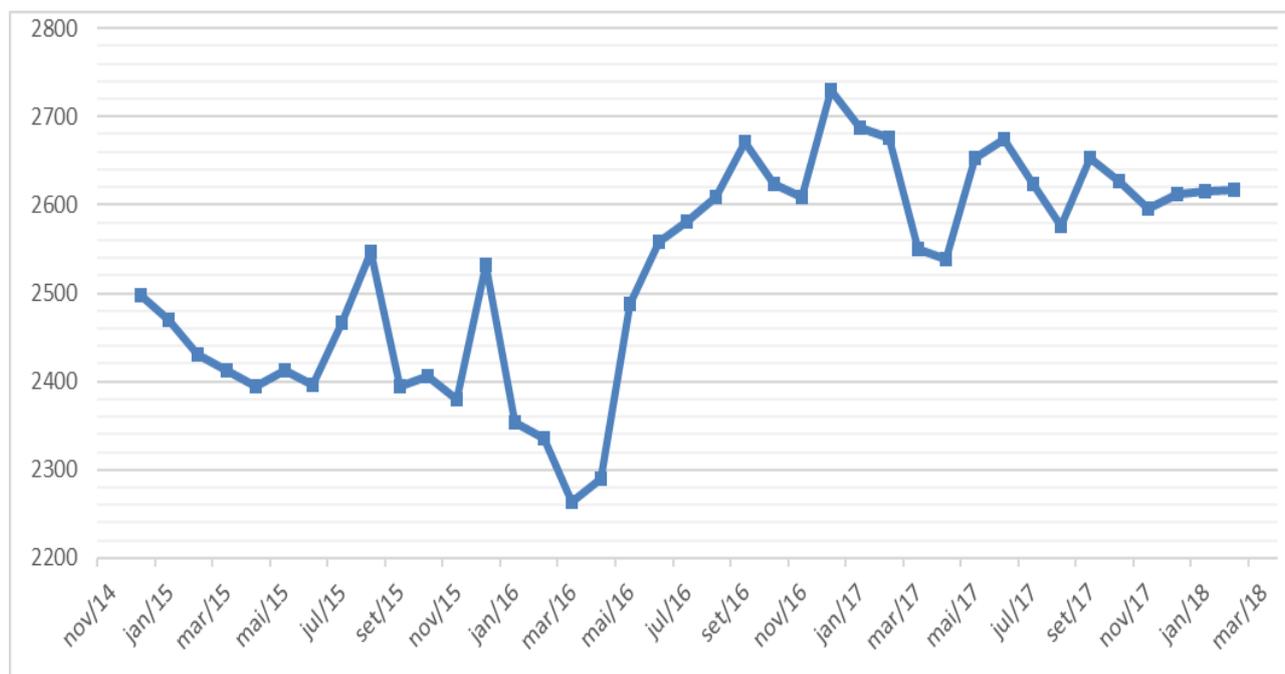
5 – Brasil

5.1 - Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção brasileira de petróleo no mês de fevereiro de 2018 ocorreu em 7.698 poços, sendo 704 marítimos (*offshore*) e 6.994 terrestres (*onshore*). Em comparação com o mês anterior, houve uma diminuição de 248 poços em operação – 23 poços *offshore* e 225 poços *onshore*. A quantidade de poços marítimos representa pouco mais de 9% do total, ainda assim, 95,5% do resultado local têm origem no *offshore*.

A produção nacional em fevereiro registrou 2,617 MMb/d, configurando um aumento de 0,1% em relação ao mês de janeiro de 2018. Tal afirmação pode ser observada no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Histórico de produção de petróleo (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

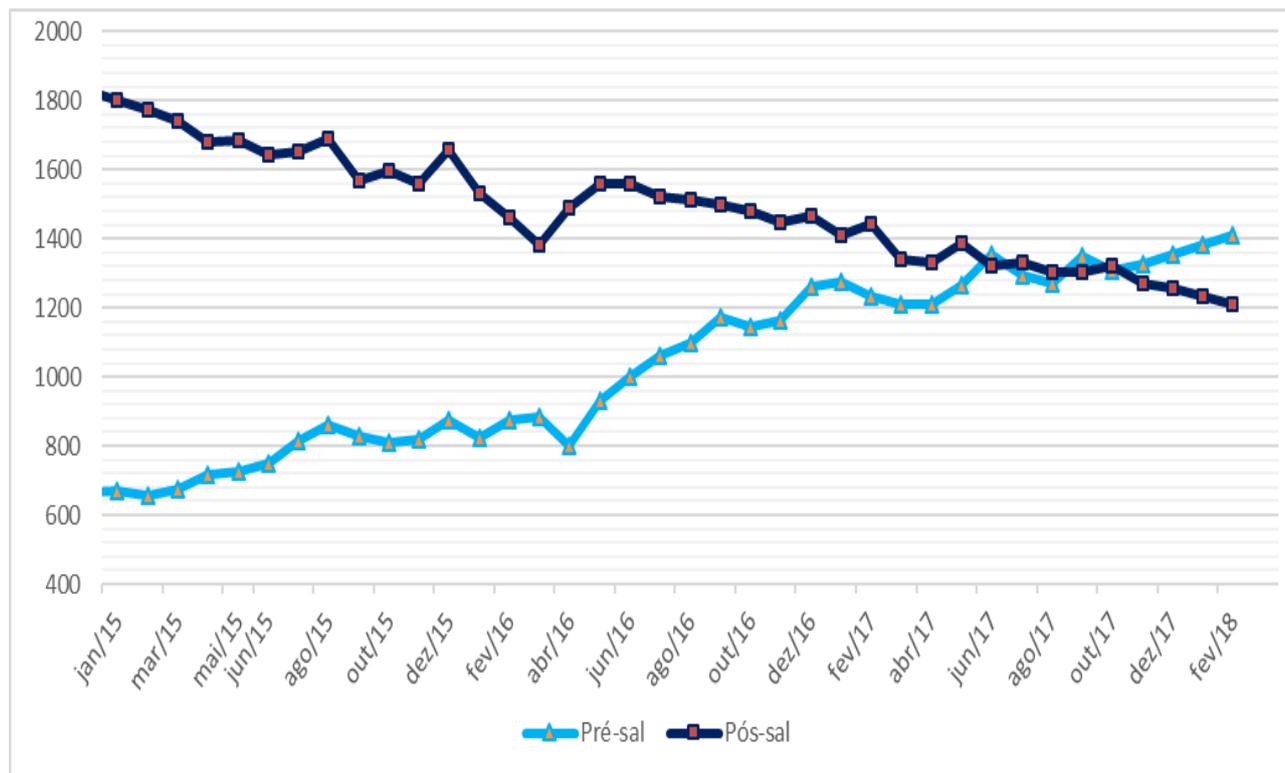
Esse acréscimo é um fenômeno novo para o período recente. Pelo menos nos últimos três anos, o produto do mês de fevereiro foi menor que o de janeiro. A expansão da produção no segundo mês do ano tem como resultante a estabilidade; além disto, a extração contabilizada foi 2,2% inferior à verificada em fevereiro de 2017 e praticamente igual à média dos últimos 12 meses, que bateu 2,611 MMb/d.

5.2 - Pré-Sal x Pós-Sal

A produção nacional com origem no pré-sal foi de 1,408 MMb/d. Tendo 83 poços em operação, o resultado do pré-sal representa quase 54% do total produzido no Brasil. Em relação a janeiro, a extração nesses campos aumentou 1,96%.

A produção nacional com origem no pós-sal foi de 1,209 MMb/d, o que equivale a 46,2% do produto nacional. Esse número reflete uma queda de 2% na comparação com o mês de janeiro.

Gráfico 9 – Evolução da produção do Pré-Sal e do Pós-Sal (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Gráfico 9 demonstra a tendência de queda no pós-sal, movimento influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido nos campos mais antigos. Por outro lado, a curva relacionada ao pré-sal vem registrando crescimento ao longo dos últimos anos, ultrapassando a produção originária no pós-sal pelo quarto mês consecutivo, algo que já havia ocorrido nos meses de junho e setembro de 2017 e que demonstra uma tendência de continuar ocorrendo.

Cabe destacar, ainda, que a sustentação da produção nacional nesse patamar atingido nos últimos meses está diretamente atrelada ao resultado advindo do pré-sal, que mais uma vez compensou a queda da produção do pós-sal.

5.3 - Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia os cinco maiores. Detentores dos campos mais produtivos, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo juntos representam 95% do resultado no setor.

De acordo com a ANP, o Estado do Rio de Janeiro possui maior destaque, pois foi responsável por 69% da produção nacional. É evidente a importância da indústria do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representa 42% da produção fluminense.

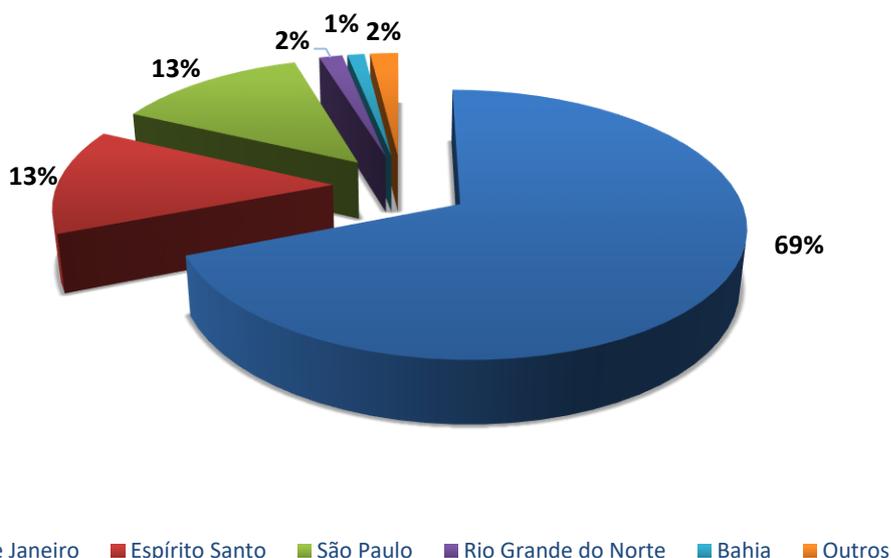
O Estado de São Paulo contou com apenas seis (6) poços em operação no mês de fevereiro. Esses poços apresentam elevado grau de rendimento; conduzindo, assim, o estado à posição de segundo maior produtor do Brasil, ultrapassando nesse mês o estado do Espírito Santo. O Quadro 1 e o Gráfico 10 trazem tais disposições.

Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO (em b/d)	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.805.601	35
São Paulo	344.160	6
Espírito Santo	343.890	50
Rio Grande do Norte	41.917	79
Bahia	30.779	85

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

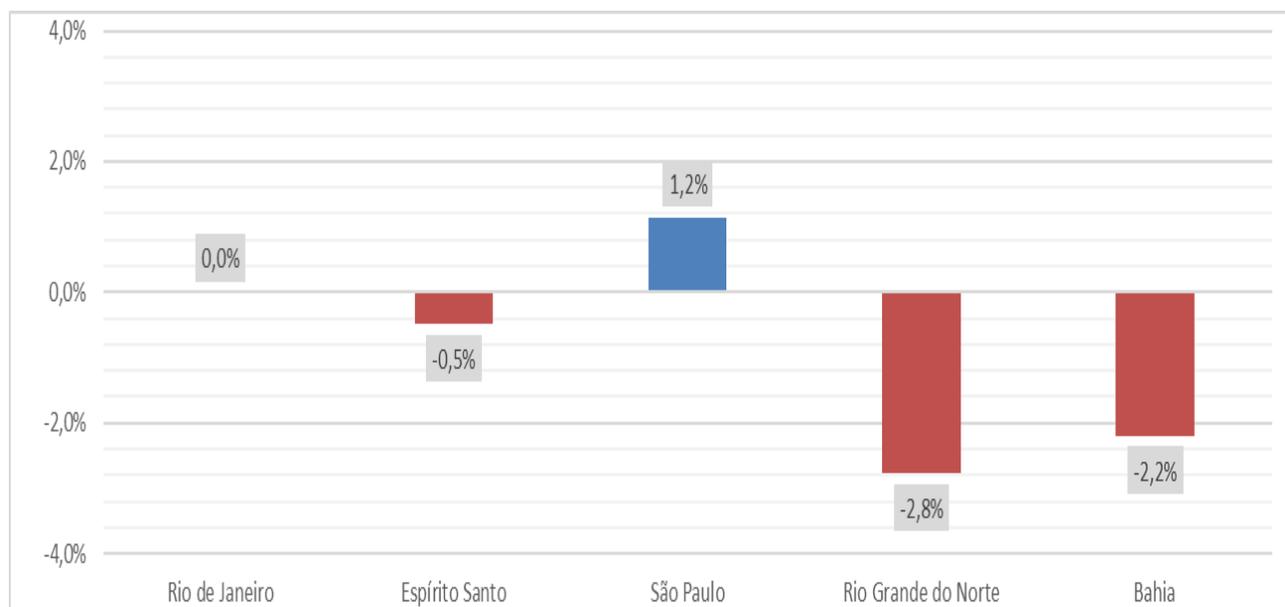
Gráfico 10 – Estados produtores (% da produção nacional)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Na secção 5.2, verificou-se que o aumento da produção nacional em fevereiro foi influenciado pelo avanço no pré-sal. Da mesma forma que a extração no pré-sal e no pós-sal apresentaram tendências opostas, a comparação entre os meses de janeiro e fevereiro não manteve uma direção única no que tange à produção dos estados.

Gráfico 11 – Variação percentual da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A extração nos estados do Rio Grande do Norte, Bahia e, novamente, Espírito Santo, caíram 2,8%, 2,2% e 0,5% respectivamente. O resultado negativo desses estados não se explica apenas pela redução de áreas produtivas em cada estado. O Rio Grande do Norte, que reduziu a produção em mais de 1 Mb/d, acrescentou mais um campo às atividades operacionais. O Estado da Bahia também somou duas novas áreas à atividade local, no entanto, viu decrescer o resultado final no mês de fevereiro. Já o destaque negativo do mês anterior, o Estado do Espírito Santo, teve uma queda mais suave nesse mês, apesar de ter mantido a mesma quantidade de áreas em funcionamento. Essa redução continuada desde dezembro de 2017 fez com que o Estado perdesse o posto de segundo maior produtor na indústria local.

De qualquer maneira, o resultado desfavorável nesses três últimos estados – somando algo em torno de 3,5 Mb/d – foi devidamente compensado pela produção no estado de São Paulo. No que diz respeito à produção paulista, o aumento de 1,2% em relação ao mês anterior representa algo próximo de 4 Mb/d. Ademais, a produção fluminense ainda não recuperou os níveis alcançados entre setembro e novembro do ano passado, mantendo praticamente o mesmo nível alcançado em janeiro.

5.4 - Bacias

Grande parte das jazidas de petróleo brasileiras estão situadas em bacias sedimentares. As bacias não se restringem apenas a uma unidade federativa, podendo abranger dois ou mais estados. Atualmente, a produção nacional é oriunda de doze bacias, entre as quais se destacam a Bacia de Campos – ES/RJ; a Bacia de Santos – PR/RJ/SP; a Bacia Potiguar – CE/RN; a Bacia do Espírito Santo – ES e a Bacia do Recôncavo – BA.

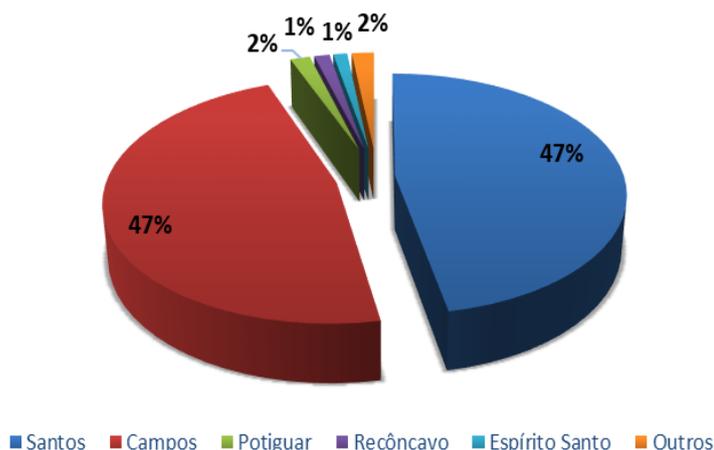
No mês observado, a Bacia de Campos e a Bacia de Santos representaram cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração na capacidade produtiva do país. O Quadro 2 e o Gráfico 12 evidenciam essa convergência no produto local.

Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Santos	1.231.457	11	Paraná/Rio de Janeiro/São Paulo
Campos	1.228.621	38	Espírito Santo/Rio de Janeiro
Potiguar	42.953	81	Ceará/Rio Grande do Norte
Espírito Santo	33.573	42	Espírito Santo
Recôncavo	30.357	79	Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

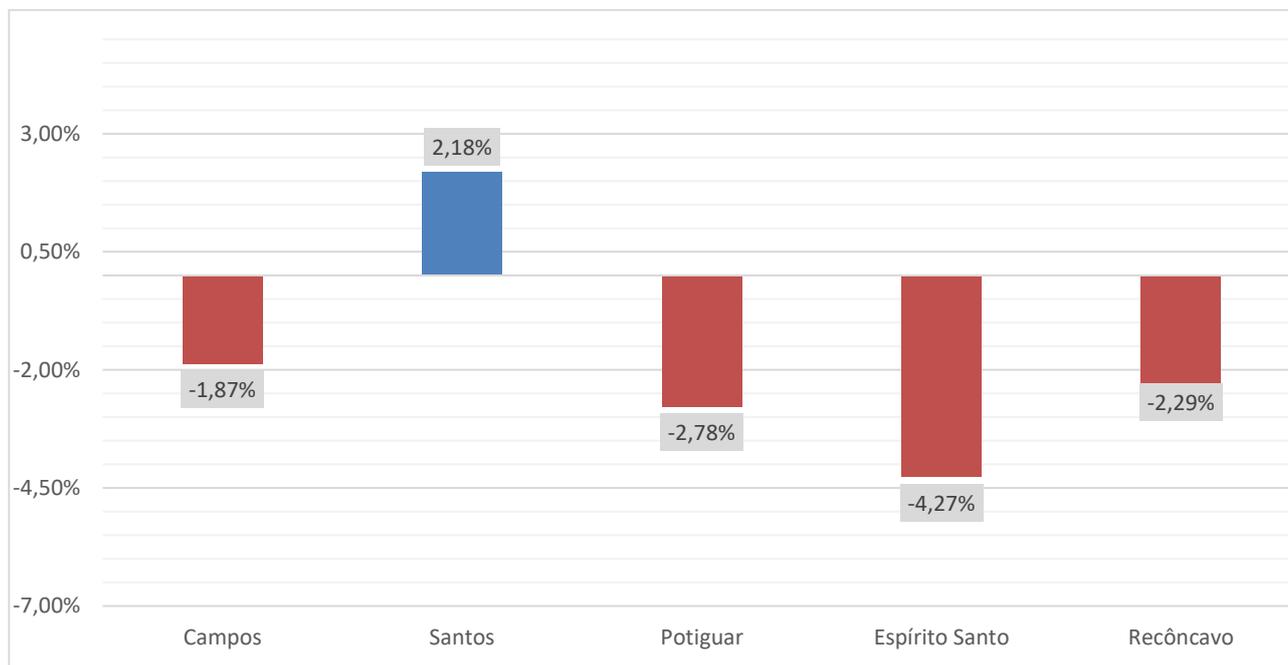
Gráfico 12 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2,617 MMb/d, um acréscimo, ainda que ténue, em relação à produção de janeiro. Novamente é possível afirmar o papel relevante desempenhado pela Bacia de Santos no cenário nacional.

Gráfico 13 – Variação de Produção das Principais Bacias (fev18/jan18)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Quatro das cinco principais bacias apresentaram queda na produção. Pelo quarto mês consecutivo, a Bacia do Espírito Santo teve a produção em declínio. Em fevereiro, com o mesmo número de campos em atividade, o recuo foi de mais de 4%, algo em torno de 1,4 Mb/d. Como a produção total nessa Bacia não é tão grande, o impacto no agregado nacional não é tão relevante.

Tanto a Bacia Potiguar quanto a Bacia do Recôncavo ganharam uma área produtiva; no entanto, ambas tiveram redução no rendimento.

A Bacia de Campos foi o destaque negativo, perdendo a operação de três campos e tendo um decréscimo de quase 2% no rendimento final, o que representa algo em torno de 23 Mb/d.

A Bacia de Santos, mais uma vez, cumpriu o papel de sustentação do alto nível alcançado pela produção nacional. Ela compensou a queda das outras grandes bacias. O fato se deve ao resultado considerável alcançado pelo campo de Lula – o segundo recorde consecutivo –, acompanhado por outros fatores que serão tratados a seguir.

5.5 - Campos

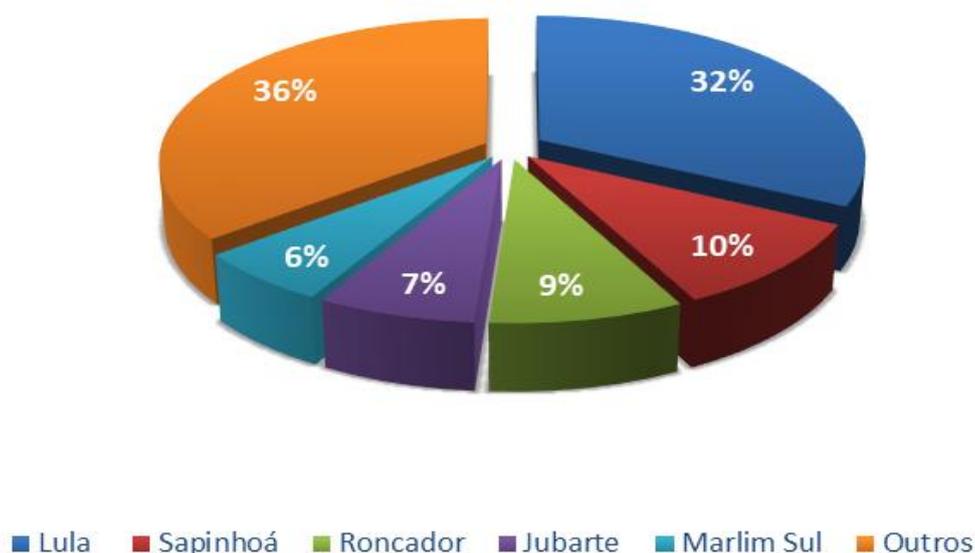
No que diz respeito aos campos, é possível destacar os maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Os cinco campos juntos dão conta de quase 64% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como retratado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mb/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	850	Santos
Sapinhoá	265	Santos
Roncador	223	Campos
Jubarte	182	Campos
Marlim Sul	158	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP.

Gráfico 14 – Produção de Petróleo por Campo (% da produção total)



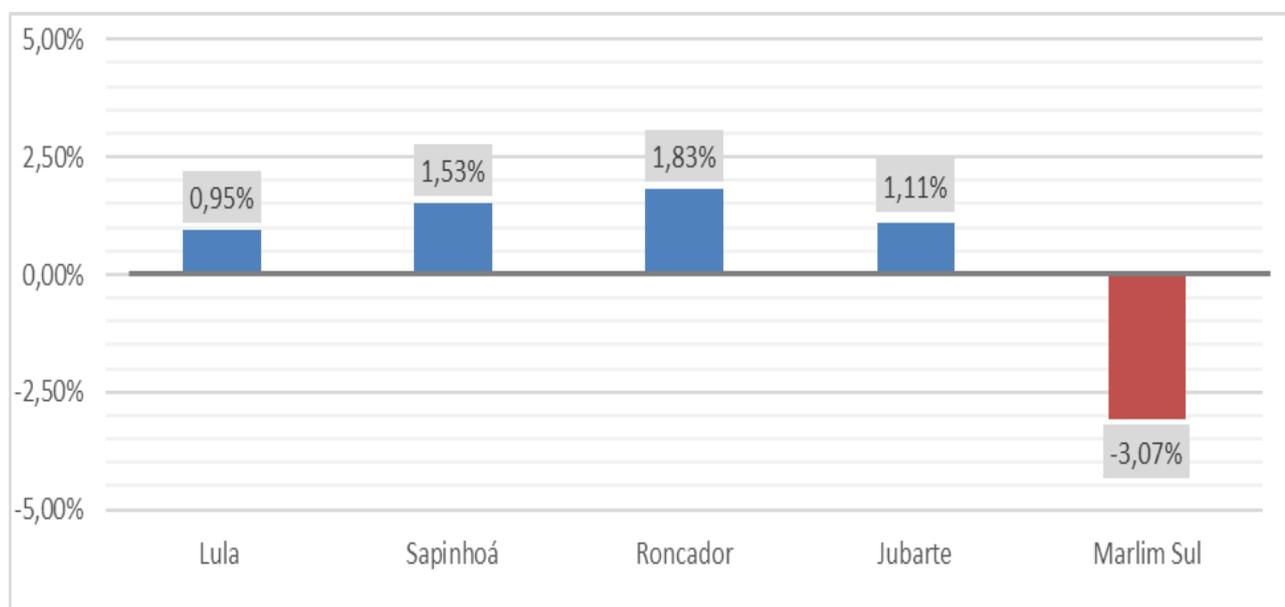
Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O campo de Lula, maior produtor nacional, foi novamente o destaque do mês em análise. A produção nessa área foi a maior já registrada em solo brasileiro – 850 Mb/d, ultrapassando um recorde que pertencia ao próprio campo. O resultado nessa extensão do pré-sal se deve à continuidade da retomada iniciada em janeiro. Após alcançar a então produção recordista no mês de novembro de 2017, esse campo sofreu uma forte queda, de mais de 4% no mês de dezembro do ano passado. Assim, após o recorde de janeiro, o avanço de quase 1% confirma a recuperação.

Conforme comunicado oficial da Petrobras, houve ocorrências operacionais na instalação FPSO Cidade de Angra dos Reis, algo que reduziu em cerca de 11 Mb/d o produto dessa instalação. Por outro lado, a instalação FPSO Cidade de Maricá ampliou em quase 10% o resultado, alcançando uma posição bem próxima de seu recorde operacional, cravado em novembro de 2017. Mas também,

a FPSO Cidade de Saquarema avançou mais de 6%, estabelecendo-se como a instalação mais produtiva do cenário nacional e contribuiu para o campo de Lula bater um novo recorde operacional.

Gráfico 15 – Variação percentual de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Sapinhoá, localizado no Estado de São Paulo, sustentou a posição de segundo maior produtor nacional, consolidando-se no lugar antes ocupado pelo campo de Roncador. Mais uma vez o resultado final naquele campo se deve principalmente à atividade na Plataforma Cidade de Ilha Bela, que, com seis poços em operação, auferiu uma expansão de 3,06% na produção. Esses resultados recentes sugerem um paralelismo entre a atividade na plataforma FPSO Cidade de Ilha Bela e o resultado operacional no campo de Sapinhoá.

O campo de Roncador, depois da forte queda apresentada no mês de janeiro, teve o maior percentual de crescimento entre os campos produtores mais importantes. O produto positivo nesse campo se deve à forte recuperação na atividade da plataforma PETROBRÁS 62 – que obteve um avanço de 20% frente a uma redução de 21,50% no mês anterior – e às variações pouco expressivas em plataformas como P52, P54 e P55.

O campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, teve pequeno crescimento na produção, apesar dos recuos nas Plataformas PETROBRÁS 58 e PETROBRÁS 57. A Plataforma FPSO Cidade de Anchieta ajudou nesse movimento positivo. De qualquer forma, esse resultado ainda não recoloca o campo nos patamares alcançados no primeiro semestre do ano passado, que era superior a 200 Mb/d.

O destaque negativo foi o desempenho no campo Marlim Sul, na Bacia de Campos. A produção de janeiro estava próxima à média alcançada ao longo do ano de 2017. No entanto houve uma queda no resultado. A atividade na plataforma PETROBRÁS 51 foi a que mais impactou os

números do mês, que também refletem, ainda que de maneira menos pronunciada, os recuos nas instalações P56 e P19; totalizando uma perda bruta de aproximadamente 5 Mb/d.

5.6 – Considerações Finais

O ano de 2018 começou mantendo o nível de produtividade próximo à média alcançada no ano passado – acima dos 2,6 MMb/d. O mês de fevereiro não foi muito diferente, simplesmente apresentou um quadro de estabilidade.

O resultado agregado para a indústria local indica, pelo segundo mês consecutivo, um crescimento de 0,1% na produção em relação ao mês anterior. É possível afirmar que esse saldo positivo foi impulsionado, mais uma vez, pelo incremento na produção do pré-sal.

O campo de Lula, no pré-sal, liderou o resultado do mês com mais um recorde de produção, posto que determinou a direção positiva traçada pela Bacia de Santos. O inusitado é que o estado de São Paulo foi o único com resultado positivo entre os cinco grandes produtores. A atividade no estado do Rio de Janeiro findou o mês praticamente inalterada. Isso se explica pela compensação que o campo de Lula operou diante da forte queda no campo de Marlim, localizado na parte nordeste da Bacia de Campos e que explora o pós-sal.

Em comunicado oficial da Petrobras, ocorrências operacionais interferiram no rendimento das plataformas P18 e P20, que atuam no campo de Marlim. A queda na produção foi de, aproximadamente, 16 Mb/d. À título de ilustração, esse recuo equivale a quase 70% da redução ocorrida na Bacia de Campos. Além disto, foi noticiado um outro incidente na instalação P32 – também atuante no campo de Marlim; o que também pode ter colaborado para o resultado final nessa extensão do pós-sal.

Mais uma vez, uma diretriz se mantém no quadro da produção nacional: a expansão no pré-sal compensa a retração no pós-sal; e, mais uma vez, o resultado é um quadro de estabilidade em relação ao mês anterior. Em fevereiro de 2018, especificamente, dos cinco grandes campos, quatro obtiveram resultado positivo, de modo que o novo recorde operacional no campo de Lula equilibrou a retração em campos que não são os grandes produtores nacionais, como o caso de Marlim.

Glossário

MMb/d: milhões de barris por dia

Mb/d: milhares de barris por dia

Bibliografia

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

EIA: Energy Information Administration - Vinculada ao Departamento de Energia norte-americano.

ANP: Agência Nacional de Petróleo.

Gerência de Operações e Planejamento

Gerente de Operações e Planejamento

Kelli Manhães Pessanha

Coordenadores

Bruno Luís Lacerda dos Santos

Rodrigo Santos Martins

Equipe Técnica

Alisson José Ramos Batista

Ângela Maria Monteiro Pandolfo

Flávio Carramanhos Werneck

Juliana Chaves Monteiro

Michelle Caldas Bouhid

Nicholas Ribeiro da Costa Cardoso

Pedro Daflon Fraiz

Priscila Ramalho do Valle Gonçalves

Rafael de Macedo Zappa

Teresa Luiza da Silva Dias

Thaynara Rodrigues Bastos

Vinícius da Silva Peixoto